

RESUMO

Este artigo analisa o romance *Rausch der Verwandlung*, de Stefan Zweig, escrito sob o impacto da destruição do Império austro-húngaro e que tem como pano de fundo o dilaceramento moral e espiritual de uma nação privada de seu nexos e de seu sentido, com o esfacelamento de suas instituições milenares. Subjacente à visão de Zweig, está a nostalgia por um universo perdido, que lhe parece pleno de sentido: o antigo Império surge como se fosse um sucedâneo do Éden perdido, ou seja, Zweig retoma um tema central da literatura e da reflexão judaicas, qual seja, a expulsão do Éden e seu significado simbólico. Paralelamente, a ácida crítica social presente no romance parece remeter, como entre outros escritores judeus, às devastadoras reprimendas que os profetas bíblicos faziam a seus concidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura alemã, literatura judaica, nostalgia, monarquia habsburga, exílio.

STEFAN ZWEIG ENTRE NOSTALGIA E PROFECIA

Luis S. Krausz*

ABSTRACT

This article analyses Stefan Zweig's novel *Rausch der Verwandlung*, written under the impact of the destruction of the Austro-Hungarian Empire and which unfolds over the background of the moral and spiritual dilaceration of a nation deprived of its meaning, and of the destruction of its millenary institutions. Underlying Zweig's vision is the nostalgia for a lost world, which is depicted as meaningful: his rendering of the old Empire makes it a kind of Lost Paradise. Thus Zweig returns to a cardinal pattern in Jewish literature and philosophical speculation, i.e. the expulsion from the Garden of Eden and the symbology involved in this Biblical narrative. At the same time, Zweig's acid criticism towards his contemporary society seems to repeat a common pattern among Jewish novelists: the devastating reprimands voiced by Biblical Prophets in their time.

KEY WORDS: german literature, jewish literature, nostalgia, habsburg monarchy, exile.

* Doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo e pós-doutorando em Literatura Judaica na mesma Universidade.
E-mail: lkrausz@uol.com.br

Rausch der Verwandlung (A embriaguez da metamorfose) é um romance do escritor judeu austríaco Stefan Zweig que permaneceu inédito até 1982. Escrito em duas etapas, durante as décadas de 1920 e 1930, em Salzburgo e depois no exílio londrino, no fim dos anos 30, ou seja, foi iniciado quando o autor se encontrava no auge do prestígio em sua amada Salzburgo e concluído sob a sombra do exílio e o temor de uma nova guerra, esse romance ambientado em 1926 tem como tema central o desmembramento e a falência espiritual da Áustria no rastro da Primeira Guerra Mundial. Há um grande contraste entre as duas partes do livro, que denunciam a grande mudança que se opera no íntimo de Zweig depois que ele é obrigado a deixar para sempre sua confortável residência no Monte dos Capuchinhos, partindo para as incertezas de um exílio do qual ele pressentia não haver volta. O resultado, portanto, ressentido de uma certa falta de unidade – e talvez por esse mesmo motivo não tenha sido publicado durante a vida do escritor.

Ainda que ambas as partes tratem de uma temática sombria, a primeira parte do livro soa muito mais harmônica, ensolarada e esperançosa do que o trecho escrito em Londres, marcado por um amargor e um pessimismo que, evidentemente, refletem as condições psicológicas do autor à época.

A protagonista do romance é Christine Hoflehner, uma moça que vem de uma família arruinada pela Primeira Guerra Mundial: o irmão morreu nas trincheiras, o pai morreu de desgosto, o patrimônio da família, em Viena, foi devorado pela inflação no pós-guerra. Graças à interferência de um parente bem-relacionado, ela consegue um emprego de assistente postal, em Klein-Riefing, uma cidadezinha do interior, onde vive em condições desoladoras com a mãe doente.

A agonizante mesquinhez burocrática, herdada dos tempos do Kaiser, sobrevive nas dependências do serviço estatal de correio onde Christine trabalha, em troca de um salário miserável. Aparentemente, apesar da guerra, nada mudou nos inalteráveis rituais postais austríacos, cuja inalterabilidade desafia as leis do tempo. Porém, assim como acontece também na prosa de Kafka, a burocracia estatal, inabalável em seus ritmos e cadências, deixou de ser de uma ordem imperial grande e digna, sacramentada pelos estatutos religiosos, para tornar-se autônoma em sua mesquinhez. Se antes, sob a monarquia, o correio imperial fora o emblema de uma ordem cujos limites atingiam tanto os confins do Império quanto as esferas celestes – uma ordem milenar e inabalável, que abarcava dos bordéis até as igrejas e das escolas até o exército; dos asilos de inválidos até as escadarias reluzentes da Ópera e do Burgtheater –, agora, a burocracia postal, auto-suficiente e idiotizada, tornava-se massacrante, opressiva, privada de sentido. E Christine Hoflehner amarga seus dias como uma peça a mais naquele gigantesco e massacrante mecanismo.

Desvinculada de uma ordem maior que, ao menos em tese, seria plena de sentido e impregnada de um conteúdo espiritual, por fazer parte de um todo cujas raízes estão nas leis cósmicas, a pequena e subalterna ordem do quotidiano postal torna-se uma forma vazia, uma formalidade rígida e morta que esgota e devora aqueles a quem aprisiona:

No interior deste local de trabalho, sacramentado pela águia do serviço público, não acontece nunca nenhum tipo de mudança visível. Dentro dos limites rígidos do erário transcorre a lei eterna do trabalhar e desaparecer. Enquanto do lado de fora, em torno da casa, as árvores brotam e voltam a perder suas folhas, as crianças nascem e os velhos morrem, as casas desabam e ressurgem em novas formas, o serviço público demonstra conscientemente seu poder sobre-humano por meio de sua inalterabilidade. Pois dentro desta esfera, para cada objeto que se desgasta ou que desaparece, que se transforma e decai, um outro exemplar, exatamente do mesmo tipo, é encomendado e entregue pelo órgão responsável, demonstrando a superioridade das coisas estatais sobre a transitoriedade do resto do mundo. O conteúdo se esvai; a forma permanece. [...] Nada desaparece nesta sala do erário, e nada é acrescentado, sem murchar e sem florescer, aqui impera a mesma vida – ou melhor, a mesma morte perene. É só o ritmo do desgaste e da renovação que varia na multiplicidade de objetos – não o seu destino. (ZWEIG, 1982, p. 8)¹

O esforço do aparato do Estado em sobrepor-se à história, de que fala Zweig aqui, talvez seja a característica mais marcante do reino do Kaiser Francisco José. Ao estabelecer um reino que aspirava à perfeição, o mais longo dos monarcas habsburgos pretendia, também, instaurar uma ordem que perdurasse para sempre; uma ordem fundada nos princípios cósmicos, destinada a proteger e preservar a todos os que dela participavam. E essa aspiração sublime e paternalista permanece, de maneira residual, nas práticas do correio, que tentam, como que num atavismo – e não obstante a ruína da Áustria de Francisco José –, continuar a sobrepor-se à passagem do tempo.

1 "Innerhalb dieses, durch den Amtsdler geheiligten Dienstraums ereignet sich niemals sichtbare Veränderung. An der ärarischen Schranke zerschellt das ewige Gestez von Werken und Vergehen; während aussen um das Haus Bäume blühen und wieder kahl werden, Kinder aufwachsen und greise sterben, Häuser zerfallen und in andern Formen wieder erstehen, erweist das Amt seine bewusst überirdische Gewalt durch zeitlose Unabänderlichkeit. Denn jeder Gegenstand innerhalb dieser Sphäre, der sich abnützt oder verschwindet, der sich verwandelt und zerfällt, wird durch ein anderes Exemplar genau derselben Type von der vorgesetzten Behörde angefordert und geliefert und somit dem Wandelhaften der übrigen Welt ein Beispiel der Überlegenheit des Staatlichen gegeben. Der Inhalt verfließt, die Form bleibt beständig. [...] Nichts verschwindet in diesem ärarischen Raum, nichts kommt hinzu, ohne Welken und Blühen herrscht hier dasselbe Leben oder vielmehr derselbe andauernde Tod. Einzig der Rythmus der Abnutzung und Erneuerung bleibt innerhalb der vielfältigen Reihe der Gegenstände verschieden, nicht ihr Schicksal."

Porém esse esforço, desde que a monarquia desabou, tornou-se patético e desacreditado, privado do selo de autenticidade que lhe conferiam as insígnias imperiais. Isolado e sem forças, não é mais capaz de mobilizar os indivíduos, nem de lhes garantir a participação numa totalidade maior: “Depois que a República removeu o retrato de Francisco José, a única coisa que ainda pode ser considerada como objeto de decoração das dependências do correio é o cartaz que convida à aquisição de bilhetes de loteria” (ZWEIG, 1982, p. 6).²

Efetivamente, depois que o conceito de cidadania imperial, isto é, de participação inalienável numa ordem superior por meio do jugo ao imperador, perdeu seu sentido com a derrota na Guerra e com a instauração da República, a salvação do indivíduo, que antes se encontrava justamente na participação naquela ordem inabalável, parece ter-se tornado incerta tanto quanto os resultados da loteria. Ao mesmo tempo, sua natureza passou a ser de ordem puramente monetária; todos os outros conteúdos da cidadania – morais, espirituais, sociais – foram irreversivelmente arruinados.

*

Havia, antes, a persuasão e o consenso de que a ordem imperial era merecedora de sacrifícios: investida de uma aura de sacralidade, ela os tornava justificáveis. Um propósito, secular e transcendente, e um sentido de integridade tornavam suportáveis os aspectos mais sombrios dessa ordem: a burocracia, sancionada pelo Kaiser, tornava-se legítima e recebia o selo que a integrava aos exércitos do Kaiser: “o de soldados, em pé; o de burocratas, sentados, e o de sacerdotes, ajoelhados” (BAGGER, apud MAGRIS, 2000, p. 35). Laços emocionais e espirituais irrevogáveis ligavam, ao menos idealmente, o velho e paternal Kaiser e toda sua dinastia a seus súditos, a “seus povos”: os sérvios e os ucranianos; os húngaros e os tchecos; os poloneses e os alemães; os romenos e os italianos; os judeus, os cristãos e os muçulmanos.

Assim, se na aparência a agência de correios era exatamente a mesma que existia no tempo da monarquia, agora, privada do retrato do Kaiser, era como se tivesse, também, sido privada de seu nexos. A burocracia desabava sobre os que dela participavam, não porque algo tivesse mudado em suas formas – e Zweig, como vimos anteriormente, dedica várias páginas deste seu prólogo ao romance justamente para demonstrar como aparentemente não há nada que tenha se alterado –, mas porque não estava mais inserida num contexto de legitimidade.

2 “Als künstlerischer Raumschmuck könnten, seit die Republik das Bild Franz Josephs abgeräumt hat, höchstens die Plakate angesprochen werden, die zum Ankauf von Lotterielosen [...] einladen.”

É a descrença nas instituições e na falência moral dos cidadãos – e não as circunstâncias materiais em si – que tornam insuportável a existência de Christiane. Pois seria perfeitamente concebível um quadro idílico para a existência dessa funcionária pública, com a sobrevivência vitalícia garantida pelo Estado, desfrutando do esplendor da paisagem pré-alpina, junto a florestas e ao verde, etc.

Assim, a medida da catástrofe que arruina o império austro-húngaro é também de caráter psicológico: a perda dos parâmetros metafísicos e sentimentais, que faziam parte do quotidiano da vida cívica e lhe emprestavam segurança. Em lugar de um quotidiano sacramentado por meio dos rituais, doravante a mesquinhez cinzenta em meio à pobreza e o absolutismo do dinheiro passam a dominar a vida psíquica dos moradores de uma república depauperada e privada de seus símbolos. Esses moradores que não se sentem cidadãos, nem participam de qualquer tipo de consenso social, ideológico ou político, mas dedicam todas as suas forças à mera sobrevivência individual, contra tudo e contra todos, seguindo o mote *jeder für sich und Gott gegen alle* (cada um por si, Deus contra todos).

Assim, a felicidade só é concebível alhures, bem longe dali, como nas belas imagens de cartões-postais que diariamente passam pelas mãos da assistente postal Christine:

Cem vezes, ao retirar cartões-postais do saco do correio e classificá-los, eu os olhava: cinzentos fiordes noruegueses, os *boulevards* de Paris, a baía de Sorrento, as pirâmides de pedras de Nova York, não foi sempre com um suspiro que eu os soltei das mãos? Quando eu? Quando será a minha vez? (ZWEIG, 1982, p. 24)³

*

Se a vida plena de sentido só é imaginável para Christine em outra parte, seu quotidiano cinzento é subitamente interrompido pela chegada de um telegrama de seus parentes que, emigrados para os Estados Unidos, prosperaram e podem se permitir o luxo de férias num grande hotel suíço, das quais Christine acaba sendo convidada a participar, já que sua mãe, doente, não tem condições de empreender a viagem até lá. E a velha e doente Sra. Hoflehner diz à sua filha: “Não, ela não deveria levar nada em consideração, se a tia lhe oferecia uma viagem, ela só deveria pensar em ir-se embora

3 “Hundertmal, wenn ich aus dem Postsack Ansichtskarten zum Einschachteln nahm und sie dabei ansah, graue norwegische Fjorde, die Boulevards von Paris, die Bucht von Sorrent, die steinernen Pyramiden von New York, habe ich sie nicht immer mit einem Seufzer aus der Hand gelegt? Wann ich? Wann ich auch einmal?”

deste Estado decaído, para longe destas pessoas más, sem preocupar-se com a mãe” (ZWEIG, 1982, p. 21).⁴

A idéia do *verkommener Staat* (Estado decaído) diz respeito ao desmembramento físico do território antes dominado pela monarquia habsburgo, porém refere-se também, diretamente, à extinção do mito habsburgo e ao estado de descrença, de apequenamento, de empobrecimento psíquico. A guerra sepultou, para sempre, a noção cosmopolita de um império europeu multilingüístico, cujos membros se imaginavam ligados uns aos outros por laços de natureza sentimental e espiritual, aquilo que Werfel (1937) denominou “a tentativa de fundar, na terra, o reino de Deus”.

Se a vida em Klein-Reifling, oito anos depois do término da guerra, parece insuportável a Christine Hoflehner, seu amigo, o professor Franz Fuchstaler, busca alívio de seus terríveis sofrimentos e esquecimento das mazelas do mundo exterior por meio da introspecção e da sublimação para, daquela maneira, tentar extrair algum grau de satisfação espiritual de uma existência precária em tempos difíceis:

Sua mulher, desenganada por todos os médicos, está há mais de um ano em Alland, numa instituição pública para tuberculosos. As duas crianças moram com parentes e assim, quase todas as noites, ele fica sentado sozinho em seu apartamento de dois cômodos; silenciosamente, com muito amor, faz coisinhas insignificantes: coloca plantas em herbários, e com uma caligrafia ornamentada, escreve os nomes sob as pétalas secas das flores – em latim, em vermelho, e em alemão, em preto. Com suas próprias mãos ele encaderna seus amados livrinhos da Editora Reclam cor de tijolo, com papelão colorido, e imita exatamente as letras impressas nas lombadas dos livros, com precisão microscópica, usando uma afiada pena. (ZWEIG, 1982, p. 35)⁵

A substância constitutiva dos trabalhos de Fuchstaler são a sublimação e a poesia, que ficam restritas à esfera do privado e da intimidade, e sua matéria-prima são os restos da natureza que ele encontra, e que são como fragmentos de um mundo melhor, que ele reúne e organiza, como se tentasse

4 “Nein, sie solle keine Rücksicht nehmen, wenn am Ende gar die Tante ihr anbietet, mitzufahren, nur weg soll sie aus diesem verkommenen Staat, von diesen schlechten Menschen hier und sich nicht um sie kümmern.”

5 “Seine Frau liegt seit mehr als einem Jahr, von allen Ärzten aufgegeben, in der staatlichen Tuberkuloseanstalt Alland, die beiden Kinder teilen auswärtige Verwandte in Kost; so sitzt er fast allabendlich allein in seinen beiden ausgestorbenen Zimmer und tut lautlos und mit viel bastlerischer Liebe kleine unscheinbare Dinge. Er legt Pflanzen in Herbarien, kalligrafiert in Rondeschrift mit roter Tinte die lateinischen, mit schwarzer die deutschen Namen unter die flach getrockneten Blumenblätter, bindet eigenhändig seine geliebten ziegelroten Reclamehefte in buntgemusterte Pappe und ahmt auf den Buchrücken mit mikroskopischer Genauigkeit und einer ganz fein gespitzten Zeichenfeder täuschen genau Drucklettern nach. [...]”.

reatualizar e reconstruir algo que foi perdido para sempre. Recolhida em seu íntimo, a alma desse homem privado da família tanto quanto de seu ler é também, de certa forma, a alma do poeta – do próprio Zweig?

Ao saber da viagem que sua amiga Christine está prestes a empreender, Fuchstaler a realiza, em seu íntimo, por meio de um delicado trabalho artístico-cartográfico, uma espécie de destilação da viagem que ele mesmo não tem meios para fazer. E instantes antes da partida de Christine, na estação de trens, o humilde professor entrega este trabalho à sua amiga:

Por fim, ele aproveita uma pausa e timidamente tira do bolso do paletó uma coisa branca e dobrada. Ele pede que o desculpe, naturalmente não se trata de um presente, só de uma pequena atenção, que talvez lhe possa ser útil. Surpresa, ela desdobra o longo papel vegetal. Trata-se de um mapa em miniatura de sua viagem desde Linz até Pontresina, que se desdobra como uma sanfona. Todos os rios, montanhas e cidades ao longo da via férrea estão desenhados microscopicamente com nanquim preto, os desenhos das montanhas correspondem à sua altura, desenhados com traços mais grossos ou mais finos, e revelam sua altura em minúsculos algarismos. Os leitos dos rios estão assinalados em azul e as cidades em vermelho, e as distâncias marcadas numa tabela em baixo, à direita, exatamente como nos grandes mapas escolares do Instituto Geográfico, porém aqui foram desenhadas por um pequeno professor auxiliar, com esforço delicado e com paciência lúdica e prazerosa. [...] Ele apanha ainda um segundo mapa, quadrado e emoldurado em dourado: o mapa do Engadin, copiado do grande mapa nacional da Suíça, com todas as vias e caminhos e todos os detalhes. Só no meio encontra-se uma edificação, que se destaca, solenemente, por meio de um minúsculo círculo de tinta vermelha. Este é o hotel em que ela se hospederá, ele explica, segundo ele descobriu num antigo guia Baedeker. Assim ela poderá orientar-se em todos os passeios sem ter de se preocupar em perder o caminho. [...]

Esse homem comovente deve ter passado dias se esforçando silenciosamente para obter, das bibliotecas em Viena ou em Linz, os mapas necessários, e deve ter passado noites em claro, com delicada paciência, desenhando e pintando esses mapas com lápis centenas de vezes apontados e com uma pena comprada especialmente, somente para poder proporcionar-lhe, de sua pobreza, algum prazer útil... (ZWEIG, 1982, p. 38)⁶

6 "Endlich nützt er eine Pause und zieht schüchtern aus der Brusttasche etwas Weisses und Zusammengefaltetes. Sie möge entschuldigen, es sei natürlich kein Geschenk, nur eine kleine Aufmerksamkeit, vielleicht könne sie ihr nützlich sein. Überrascht entfaltet sie das längliche Büttenpapier. Es ist eine Schmalkarte ihrer Reise von Linz bis nach Pontresina, wie eine Ziehharmonika zu entfalten; alle Flüsse, Berge und Städte langs der Bahnstrecke sind mit schwarzer Tusche mikroskopisch gezeichnet, die Berge entsprechen der Höhe; dünner oder dichter schraffiert, und verraten in winzigen Zahlen ihre Meterzahl, die Flussläufe sind mit blauem, die Städte mit

Uma vez que Christine alcança Pontresina, porém, o delicado presente de Fuchstaler é totalmente esquecido, junto com as memórias amargas de Klein-Riefing, do *verkommener Staat* e da mãe doente no paraíso dos sentidos que ela encontrará no grande hotel suíço. Ali, não são as sutilezas da alma, nem a humildade, ou a solidariedade os valores, que contam, mas sim a sedução fáustica dos sentidos, do luxo e da arrogância. O absolutismo do dinheiro, a indiferença ante o sofrimento e a ilusão da onipotência embriagam os hóspedes do grande hotel, assim como o farão com a jovem Christine, que, pela primeira vez em sua vida, prova do elixir da opulência, e com ele inebria-se a ponto de transformar-se em outra pessoa.

Ah, se ao menos o garçom não colocasse no seu prato tantas extravagâncias incomuns, com seus punhos engomados e seu rosto igualmente rígido e frio – todos estes *hors-d'oeuvres* que ela nunca vira, azeitonas geladas, saladas coloridas, peixes prateados, montanhas de alcachofras, cremes insondáveis e *mousse* e figado de ganso, e as fatias rosadas de salmão – certamente tudo delícias, leves e delicadas... (ZWEIG, 1982 p. 53)⁷

O orgulho e a prepotência são adornos indispensáveis aos hóspedes do grande hotel, e a tia de Christine reprova-lhe a postura humilde e o andar encurvado. Ela precisa, segundo a tia, adotar o estilo “americano” dos novos tempos:

Agora você precisa aprender a levar a cabeça com mais leveza – não fique brava comigo porque eu lhe digo isto – sempre tão insegura, tão encurvada, você se encolhe com tanto medo como se fosse um gato na chuva. Você ainda precisa aprender a caminhar como os americanos,

rotem Farbstift eingenmalt, die Distanzen in einer eigenen Tabelle rechts unten vermerkt, ganz genau wie auf den grossen Schulkarten des geographischen Instituts, aber hier von einem kleinen Hilfslehrer und mit zärtlicher Mühe und spielfreudiger Geduld säuberlich nachgemalt.[...] Er zieht noch ein zweites Kärtchen hervor, dieses viereckig und mit einer goldenen Borte eingefasst: die Karte des Engadins, abgezeichnet von der grossen Schweizer Generalstabkarte, mit Weg und Steg auch die kleinste Einzelheit künstlich nachgepaust; nur in der Mitte ist ein Gebäude durch einen winzigen Kreis von roter Tinte besonders feierlich hervorgehoben, das sei ihr Hotel, erklärt er, wo sie wohnen werde, er habe es aus einem alten Baedeker bestimmt: so könne sie bei allen Ausflügen sich selber orientieren und ohne Sorge sein, den Weg zu verfehlen. [...] Seit Tagen muss ganz verschwiegen dieser rührende Mann sich bemüht haben, von der Bibliothek in Linz oder in Wien die Vorlagen herzubekommen, die ganzen Nächte muss er in zärtlicher Geduld mit hundertmal gespitztem Stift und besonders gekaufter Zeichenfeder diese Karten gezeichnet und koloriert haben, einzig, um ihr aus seiner Armut doch eine rechte und nützliche Freude zu bereiten.”

7 “Aber wenn der Kellner nur nicht so sonderbare Extravaganzen mit seiner hartgeplätteten Manschette und seinem ebenso steifkalten Gesicht auf den Teller legte, all diese niegesehenen *Hors-d'oeuvres*, eisgekühlte Oliven, bunte Salate, silberne Fische, Artischockenberge, unergründliche Crèmes, zarten Gänseleberschaum und die rosafarbenen Lachsschnitten – alles Köstlichkeiten gewiss, zartmundend und leicht.”

leve, livre, a cabeça erguida para a frente como um navio a enfrentar os ventos! (ZWEIG, 1982, p. 70)⁸

O novo mundo, as novas roupas, o luxo ostensivo do hotel – tudo fascina e embriaga Christine a ponto de fazê-la sentir-se inteiramente outra. É em sua alegria contagiante e infantil ela seduz, em poucos dias, toda a companhia de veranistas *blasés*. Doravante, ela será sempre convidada a participar das caminhadas pelas montanhas, das noitadas no bar do hotel, dos jogos e das intermináveis conversas e gargalhadas de uma *jeunesse dorée* que não conhece limites para seu deleite nem restrições aos seus desejos. “Como são bons todos, a tia, o tio, tão bonitas e enfeitadas estas pessoas esplêndidas e bem cuidadas, como são belos o mundo e a vida!” (ZWEIG, 1982 p. 73).⁹

Ela admira cada vestido e cada anel. Cada câmera fotográfica e cada estojo de cigarros, tudo ela toma nas mãos e ilumina com seu entusiasmo. Ela ri de cada piada e cada iguaria lhe parece esplêndida, todas as pessoas lhe parecem boas e todas as conversas interessantes: tudo, tudo é esplêndido neste mundo único e superior. É irresistível este *élan* de seu bem-estar apaixonado, e todos os que estão ao lado dela são involuntariamente contagiado por sua veemência... (ZWEIG, 1982, p. 106)¹⁰

*

Não demora, porém, para que a ilusão daquele paraíso se desfaça. Um engenheiro alemão encanta-se com a jovem Christine, que em poucos dias se transformara de gata borralheira em princesa encantada, graças aos auspícios da tia. Uma rival, uma jovem alemã de Mannheim, descobre, conversando com Christine, que ela não vem de um meio próspero. Essa descoberta é vista pelos hóspedes do hotel como o maior e mais imperdoável de todos os pecados, razão pela qual ela é desprezada por todos, inclusive pelos próprios tios que, temendo passarem por farsantes, a expulsam do hotel sem prévio aviso. É como se a pseudo-aristocracia que se reúne ali temesse

8 “Aber jetzt auch den Kopf leichter tragen, du gehst – sei mir nicht böse, dass ich dir's sage – immer so unsicher, so gebückt, du drückst dich so ängstlich in dich hinein wie eine Katze beim Regen. Dass musst du erst noch lernen, amerikanisch zu gehen, leicht, frei, die Stirn hoch nach vorn wie ein Schiff gegen den Wind.”

9 “So gut sind sie alle, die Tante, der Onkel, so schön und geschmückt diese gepflegten, prächtigen Menschen ringsum, schön die Welt, das ganze Leben.”

10 “Jedes Klieid bewundert sie, jeden Ring, jeden Fotografenapparat, jedes Zigarettenetui, alles nimmt sie in die Hand und leuchtet es an mit Begeisterung. Über jeden Scherz lacht sie, jede Speise findet sie herrlich, jeden Menschen gut, jedes Gespräch amüsant: alles, alles ist herrlich in dieser obern, dieser einzigen Welt. Unwiderstehlich ist dieser Elan ihres leidenschaftliches Wohlwollens, jeder der mit ihr beisammen ist, wird unwillkürlich von ihrer Vehemenz angespührt...”

contagiar-se com a pobreza de Christine, como se, ao participar daquele mundo, ela estivesse transgredindo um limite infranqueável entre castas.

A intolerância e o segregacionismo de uma classe social ambiciosa, cuja proposta é a de ocupar o lugar da antiga aristocracia, que, ao menos em teoria, exercia sua posição dominante com base em um conjunto de valores espirituais, são exacerbadas. É como se a presença de uma moça pobre pudesse pôr em xeque a legitimidade dos privilégios de todos os demais – privilégios estes que decorrem, exclusivamente, de sua astúcia e diligência na lida com os negócios e com o dinheiro, sem qualquer outro tipo de justificativa.

A falência moral de uma sociedade fundada unicamente nos sentidos e na sensualidade (*Sinnlichkeit*), e não em um sentido ético (*Sinn*) para a existência humana, é retratada por meio da sociedade hipócrita e materialista que se reúne no hotel. Expulsa daquele falso paraíso das aparências, Christine é uma mulher arrasada: “Como um animal atingido por uma bala ainda cambaleia e só se mantém em pé graças a este movimento, antes de cair, com suas juntas desligadas, assim ela se arrasta, apoiando-se com as mãos na parede, até o seu quarto” (ZWEIG, 1982, p. 160).¹¹

Sua perplexidade é tal que ela permanece indiferente a tudo – à morte da mãe, da qual ficará sabendo no dia seguinte, às condolências sinceras de Fuchstaler, que a aguarda quando ela chega de volta à estação de trens de Klein-Riefing, à visita dos parentes.

Cada matéria possui um certo grau de tensão em si, e que, uma vez atingido o máximo, não pode mais ser elevado. A água tem seu ponto de fervura e os metais seu ponto de fusão, e também os elementos da alma não escapam a esta regra inescapável. O prazer pode atingir um grau a partir do qual nenhum incremento é mais sentido, e o mesmo vale para a dor, o desespero, a desolação, o nojo e o medo. (ZWEIG, 1982 p. 173)¹²

*

Assim como os demais livros de Zweig, *Rausch der Verwandlung* não é um romance judaico, ao menos não abertamente, se levarmos em conta seu conteúdo aparente. A falsidade das aparências, porém, é justamente um

11 “Wie ein abgeschossenes Tier noch einige Schritte taumelt und nur durch die Bewegung sich aufrecht hält, ehe es mit gelösten Gelenken niederfällt, so schleppt sie sich mit den Händen die Wand entlang bis zu ihrem Zimmer.”

12 “Jede Materie trägt bestimmtes Mass der Spannung in sich, über die hinaus sie Steigerung nicht mehr zulässt, das Wasser seinen Siedepunkt, die Metalle ihren Schmelzpunkt, und auch die Elemente der Seele entgehen nicht diesem unumstößlichen Gesetz. Freude kann einen Grad erreichen, in dem jedes Dazu nicht mehr fühlbar wird, und ebenso Schmerz, Verzweiflung, Niedergeschlagenheit, Ekel und Angst.”

dos temas centrais desse romance, e se examinarmos seu enredo atentamente encontraremos alguns temas que são recorrentes na literatura judaica. Do primeiro desses temas, que perpassa o romance como um todo e em múltiplos desdobramentos, fazem parte o exílio e a sua contrapartida inseparável, a nostalgia – o grande tema literário judaico, talvez desde a narrativa da expulsão do Éden, no livro da *Gênesis*.

A nostalgia pelo paraíso perdido – seja ele, aqui, o universo ordenado, espiritual e materialmente rico, carregado de sentido e de segurança, da monarquia habsburga; seja ele o universo de encantos e luz de um grande hotel nos Alpes suíços do qual Christine é expulsa – perpassa o livro em sua totalidade e impregna as almas de personagens que se vêem obrigados a mergulhar num mundo demoníaco, dominado pela violência, pela ausência de sentido, pela supressão de todos os escrúpulos, princípios morais e humanos, sob pena de perecerem como as vítimas daquele mesmo mundo.

Ao examinar atentamente o dilema, é possível ver os germes que haveriam de criar, no mundo de língua germânica dos anos 20 e 30, o nacional-socialismo e o anti-semitismo genocida, polarizadores das sociedades em sua explosão de violência assassina justamente ao romper os laços metafísicos que, idealmente, ligavam a uma esfera transcendente a estrutura dessas mesmas sociedades.

Constituem a nova regra do jogo do mundo que desponta, na Áustria e na Alemanha, com o fim das monarquias, o cinismo, a barbárie, a indiferença, o anestesiamiento moral – essa é a real embriaguez que toma conta da Europa de língua alemã depois da destruição provocada pela Primeira Guerra Mundial, e, ao abordar esse tema, Zweig segue o mesmo caminho trilhado por tantos de seus contemporâneos, de Joseph Roth a Alfred Döblin, de Hermann Broch a Franz Kafka.

A Europa desumanizada, a mecanização das sociedades e das relações sociais, a reificação da vida e o amesquinamento da consciência humana, que se expandiram, juntamente com a expansão fabril e a urbanização do século XIX, atingem o seu apogeu, para Zweig, com a Primeira Guerra Mundial – a guerra das máquinas e do gás, das bombas e dos aviões, em que os soldados morriam como insetos, sem verem a face de seus inimigos.

O cataclismo termina com uma falência moral e espiritual absolutas, e ante essa falência a memória e a nostalgia por uma outra época passam a ser os resquícios possíveis de uma humanidade: é só por meio da lembrança redentora de um outro tempo que o homem escapa de sucumbir inteiramente à barbárie.

Não há personagens declaradamente judeus no romance. Os judeus, aqui, assim como num romance de Musil, são apenas parte da paisagem européia em geral e vienense em particular, quando Zweig (1982, p. 136) fala

de senhores de terras alemães, que desprezam os judeus,¹³ ou de uma prostituta judia. Ainda assim, a trajetória de Ferdinand, namorado da protagonista Christine Hoflehner na segunda parte do romance, que passou anos preso na Sibéria depois de participar como soldado do Kaiser na guerra para chegar à Áustria destruída e ver que até mesmo sua cidadania austríaca lhe fora confiscada, ostenta um claro paralelismo com a trajetória no pós-guerra de Joseph Roth. Amigo íntimo de Zweig e também escritor, Roth ficou preso pelos russos, na Sibéria, depois de terminada a Primeira Guerra Mundial e, como era nativo de Brody, na atual Ucrânia, não era mais considerado cidadão austríaco quando retornou a Viena.¹⁴

Se a nostalgia – ante os múltiplos exílios, ante a expulsão do paraíso – é um tema central da literatura e da reflexão judaicas desde que estas existem, a destruição do ecúmeno habsburgo parece ter exercido, entre os escritores judeus austríacos, uma enorme fascinação e adoração pelo mundo que se foi. Não por acaso os fantasmas do universo austro-húngaro permaneceriam vivos na literatura de tantos escritores judeus no exílio – dentre os quais convém destacar, ao lado do próprio Zweig, Joseph Roth e Franz Werfel.

Ao mesmo tempo a agudeza do olhar crítico sobre a sociedade é também uma característica da legislação bíblica e sobretudo dos escritos dos profetas bíblicos, para os quais se constitui em matéria central. O egoísmo e o utilitarismo que Zweig despreza em seus personagens do pós-guerra, sejam eles grandes capitalistas norte-americanos, sejam eles membros da elite européia que se reúne no grande hotel suíço, indiferente à destruição e à destituição que os cerca por todos os lados, parecem em tudo afinados com o olhar crítico que os profetas de Israel lançavam sobre os seus contemporâneos, nos quais reprovavam exatamente as mesmas transgressões e a mesma desumanidade que surge nos personagens concebidos por Zweig. A noção de que a literatura deve servir a um propósito ético – o de despertar a consciência do homem em relação à sua própria condição – encontra-se presente nesse romance em que as *Verwandlungen* (metamorfoses), como as que narra Kafka, servem para iluminar o absurdo e a injustiça das relações humanas.

13 O Sr. e a Sra. von Trenkwitz, cuja vida social dá-se estritamente com pessoas de origem feudal e de certa classe, isolam-se, impiedosamente, de todos os burgueses. No caso do casal van Boolean, eles abriram uma exceção, em primeiro lugar porque eles são americanos (o que em si já é um tipo de nobreza) e ainda assim não são judeus. [“Herr und Frau von Trenkwitz, die in ihrem Umgang streng auf Feudal und Klasse setzen und mitleidlos alle Bürgerliche schneiden. Bei den van Boolens haben sie eine Ausnahme gemacht, erstens weil sie Amerikaner sind (schon dies eine Art Adel) und doch keine Juden...”].

14 Roth somente recuperaria sua cidadania austríaca anos mais tarde, já em Berlim, por causa do gesto de generosidade de um amigo seu no consulado austríaco, que falsificou seu lugar de nascimento; esse gesto possivelmente passou “desapercebido” pelas autoridades em razão do grande prestígio de que desfrutava o autor.

REFERÊNCIAS

- MAGRIS, Claudio. *Lontano da Dove*. Turim: Einaudi, 1971. (Reimpressão de 1989).
_____. *Der habsburgische Mythos in der modernen österreichischen Literatur*. Viena: Zsolnay, 2000.
- TIETZE, Hans. *Die Juden Wiens*. Viena: Edition Atelier, 1987.
- WERFEL, F. *Aus der Dämmerung einer Welt* (Twilight of a World). New York, 1937.
- ZWEIG, Stefan. *Rausch der Verwandlung* (Roman aus dem Nachlass). Fischer Taschenbuch Verlag: Frankfurt am Main, 1988.